

Sérgio Rodrigues. *O drible: romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 224 p.

O livro de Sérgio Rodrigues, vencedor da última edição do Prêmio Portugal Telecom, na categoria de romance, surpreende pela narrativa maior que se encontra submersa na história do famoso drible do jogador Pelé sobre o goleiro uruguaio Mazurkiewicz, na Copa Mundial de 1970, e na lendária história de um jogador com poderes sobrenaturais, contemporâneo do rei do futebol. Numa leitura panorâmica da obra, é possível perceber que o escritor delimita a narrativa em seis partes, embora a trama esteja entrecruzada, em dispositivo técnico utilizado para lidar com várias histórias no nível fabular. Entre as que sobressaem, o leitor encontra a do drible e de outros lances clássicos do futebol, narrada pelo cronista desportivo Murilo Filho, a do reencontro de Murilo e seu filho Neto, depois de vinte e seis anos distantes, a do manuscrito sobre a vida do lendário jogador Peralvo e a fragmentada narrativa da família de onde procedem as duas figuras principais do romance.

Da estrutura tradicional do gênero, o livro de Sérgio Rodrigues retoma a estratégia do romance inglês de Charles Dickens, que preferia dar títulos antecipatórios para seus capítulos. À exceção do introito, o escritor intitula as quatro partes que constituem o desenvolvimento da trama, bem como a conclusão. A referência a escritores de língua inglesa e escritores e jornalistas brasileiros também aparece na tessitura da obra, sendo que o cronista Murilo se torna conhecido na redação jornalística como Dickens, apelido dado por Nelson Rodrigues, que trabalhava no *Jornal dos Sports* de Mario Filho, jornal de folhas cor-de-rosa. Murilo se torna o Dickens de Campos Sales, por ser torcedor do América, cujo campo ficava na Rua Campos Sales.

Não linear, o romance *O Drible* inicia *in media res* com o reencontro de Murilo com seu filho Neto, na casa do Rocio, ocasião em que o pai mostra a gravação do gol perdido por Pelé, afirmando que naquele dia o jogador desafiou Deus e perdeu. A casa do Rocio, no Recanto dos Curiós, localizada a menos de cem quilômetros do Rio, é uma referência primeira à obra do escritor Machado de Assis. Murilo, já envelhecido e enfermo, mudara para a chácara na última década, deixando o apartamento do Parque Guinle, onde Neto passara sua infância e adolescência. É também da última década o telefonema ao filho informando de sua situação e o convite para visitá-lo. No domingo da primeira visita, à beira da represa, conversam sobre a saúde de Murilo, sobre futebol, craques e seus amores, momento em que o cronista lembra Peralvo, de cuja biografia prepara um manuscrito. Com a aproximação do cachorro Manteiga, mesmo nome de um craque que atuou no América, eles refazem o período em que ser jogador negro era problema, devido à mentalidade racista dos clubes de elite da época.

O conflito principal do romance, uma longa história de ódio, se reconstitui a partir da colagem de detalhes espalhados ao longo do livro. Com o suicídio da mãe, o pai assume a guarda do filho, auxiliado pela negra Conceição, mas se faz pouco presente em sua vida, raras vezes levando-o ao Maracanã e pressionando o menino para que se tornasse jogador de futebol. Surrava-o por qualquer coisa, mas, ainda assim, na juventude, Neto leu os livros da biblioteca do pai às escondidas, aprendendo que o cronista tivera várias fases de estilo na carreira de escritor, inclusive quando, já conhecido como o Leão da Crônica Esportiva, fizera uma série de livretos sobre temas do futebol a pedido do Ministério da Educação e Cultura. É desse período a suspeita de que tenha contribuído com a ditadura militar, delatando pessoas. Sobrevivente aos maus tratos de Murilo, Neto fora morar no apartamento que sua mãe lhe deixara de herança, época em que tem uma banda de música, firma amizade com Maxwell Smart, que o adverte sobre o perigo da reaproximação pretendida. Neto aproxima-se de Ludmila Godoy, que pensa ser a mulher de sua vida, mas que escolhe ficar com seu pai, após o almoço de apresentação. É a partir dessa traição que se contam os anos de afastamento, um tempo que não foi suficiente para que Murilo perdesse a pose e o prazer de humilhar o filho.

No segundo domingo de visita, Neto conversa com a caseira, que menciona o nome de Elvira Lobo, levando-o em retrospectiva ao tempo em que sua mãe o levava

ao colo, memória perdida com as fotos e a máquina fotográfica, recordações de adolescente da mãe que morrera quando tinha cinco anos. Pescando na represa com o pai, este pergunta se leu o romance *Dom Casmurro*, e depois questiona as duas pontas da vida aludidas pelo narrador, dizendo que a vida tem muitas pontas. Neto repara que o pai está mais agitado do que no domingo passado. Nesse encontro, Murilo faz uma síntese do livro *O negro no futebol brasileiro* (1947), em que fala da chegada do esporte, seu abraço e a entrada de bugres e crioulos nos clubes. Murilo se refere ao conceito de dor futura, mas Neto desabafa contra o pai suas dores passadas.

Nos domingos seguintes, a conversa futebolística desvenda ao leitor um amplo repertório da cena esportiva brasileira e o acresce com a invenção de um jogador excepcional. Sabendo do trabalho de revisor de textos do filho, Murilo lhe entrega um manuscrito datilografado com fita roxa em velhas laudas amareladas, com “a história de um jogador extraordinário que resume tudo o que foi o futebol brasileiro e também o que não foi” (p. 84). O texto conta a vida de Peralvo, nascido em Merequendu, filho de Mãe Mãezinha e do marinheiro norueguês Rãs, que morara um tempo no lugar e depois se fora. Desde pequeno o menino jogou bola com muito jeito; tinha o dom de ver antes dos outros. Antes de partir, sua mãe teve uma conversa muito séria com o filho, codinome Rolinha, sobre seus poderes espirituais. Com a morte da mãe, ele fora adotado por um cavalheiro rico da cidade, provocando comentários maledicentes. Entretanto, cresceu e tomou fama de namorador das meninas da cidade, inclusive as brancas e ricas. Antes de ir para a cidade do Rio, namorara Dirzinha, cuja morte por acidente nunca fora bem explicada. Ingressa no América e estreia contra o Botafogo, realizando dois passes decisivos para a vitória.

Em companhia de Murilo Filho, Peralvo conhece Evangelina Batista e com ela sai acompanhado de um bar da noite. O jogador revela seu segredo de paranormal a Murilo, pedindo segredo. Sai do América e inicia carreira no Vasco da Gama, onde rompe os ligamentos do joelho. Ao ser visitado por Murilo, reage mal ao saber de seu namoro com Elvira, pois antevira sua aura negra. Murilo faz uma reportagem sobre Peralvo, contando o segredo de seu poder de ler a aura e prever os acontecimentos. Ao final do jogo Vasco x Santos, a torcida organizada de seu time, inconformada com o resultado, o ataca e o fere nas pernas, deixando-as destruídas para o futebol. Depois de recuperado, Peralvo vai para o sítio de Pai da Luz. Para explicar o desconhecimento

sobre o craque, Murilo narra os acontecimentos políticos do Brasil, o golpe militar, o posterior AI-5 em 1968, o sequestro do embaixador alemão e a morte suspeita do jogador, enforcado em quartel militar, após ter sido interrogado sobre possível envolvimento no sequestro.

O romance é a história de um pai que, impiedosamente, arma uma atrocidade contra o filho, driblando, ao longo de revelações mal entrevistadas, a expectativa sempre adiada deste por uma reparação, em virtude do sofrimento que lhe causou desde sua infância e pela qual ele anseia e será derrotado, numa reviravolta digna do drible de Pelé contra o goleiro uruguaio. Além de um soberbo panorama histórico do futebol brasileiro, a tessitura complexa da trama, misturando tempos e vozes, realismo e fantasia, política e relações familiares, suspeitas e desenganos, faz desse romance um acontecimento excepcional na ficção contemporânea deste País.

Wagner Coriolano de Abreu

Bolsista PNPd-Capes no Programa de Doutorado em Letras–
Associação Ampla UCS/UniRitter.